

10 PERGUNTAS PARA FLÁVIO PAIVA

EM LANÇAMENTO NO MÊS DE DEZEMBRO, *A CASA DO MEU MELHOR AMIGO* (Cortez Editora, 2010) é um livro e CD infantil que fala sobre amizade. O autor, Flávio Paiva, é jornalista, escritor e compositor. Escreve sempre às quintas-feiras no Caderno 3 do Diário do Nordeste. Além de atuar profissionalmente no campo da cultura, Flávio Paiva participa intensamente de ações culturais e de cidadania. Já foi, por exemplo, membro efetivo do Grupo de Cultura e Identidade, do Planejamento Estratégico da Região Metropolitana de Fortaleza (Planefor); e integrante do grupo de formulação e articulação do Pacto de Cooperação do Ceará; dentre outros.

Flávio Paiva escreve livros tanto para crianças, quanto para adultos, nas áreas de cultura, cidadania, gestão compartilhada, mobilização social e infância. O último livro para o público adulto do jornalista foi *Eu era assim – Infância, Cultura e Consumismo* (Cortez Editora, 2009). Nesta entrevista, o autor fala de sua nova obra: o livro e CD *A Casa do Meu Melhor Amigo*. O escritor fala do que o inspira a escrever e a compor para crianças, além do seu processo de criação e da participação dos filhos e amigos na construção da obra. Flávio Paiva fala também da combinação da literatura com a música: como é fazer um livro-CD que é ao mesmo tempo ficção e realidade?

Fale! Que tipo de literatura você apresenta ao leitor no livro/cd *A Casa do Meu Melhor Amigo*?

Flávio Paiva. A principal característica da minha literatura infantojuvenil é a revelação do cotidiano como expressão estética. Assim como nos outros livros, em *A Casa do Meu Melhor Amigo*, eu dou um testemunho da minha infância, da infância dos meus filhos e do que guardo de lembrança das nossas relações com os nossos amigos, nossos códigos, nossos quereres, nossas buscas, nossas virtudes e jeito de ser.

Fale! Então são relatos verdadeiros?

Flávio Paiva. Todas as histórias que escrevo são verdadeiras porque nascem da minha experiência pessoal. Em *A Casa do Meu Melhor Amigo*, a narrativa está sempre na primeira pessoa, mas é uma primeira pessoa que conta com o *nós* e o *elas* na hora de tratar a ficção que está implícita na realidade. É com essa dinâmica de pronomes que os personagens carregam a ação.

Fale! E onde entra a imaginação nessa forma de contar?

Flávio Paiva. Procuo aceitar a maneira desregrada com que os personagens me levam a imaginar, porque entendo que desse modo fica mais

fácil também para o leitor exercitar a sua imaginação. A convivência natural do real e do imaginário no mesmo espaço e tempo depura qualquer artificialidade que queira se intrometer na história.

Fale! Você pode dar exemplos de como faz essa mistura de ficção e não-ficção?

Flávio Paiva. Para redescrever a realidade, dando ao vivido o caráter literário, evito fazer simples transposições. O livro e CD *A Casa do Meu Melhor Amigo* está cheio desses exemplos. Para a cena do pai que procura reconciliação com o filho, um garoto que pratica *bullying* na escola, tomei emprestado um bordado que a minha mãe fez com a oração do Anjo da Guarda para os meus filhos, a partir do qual eu havia feito uma canção de ninar. No momento que o menino cupim deseja conhecer um bebê humano, a visita é feita à residência de um casal amigo que estava com uma menininha recém-nascida e eu tinha feito uma cantiga para ela. Quer dizer, os fatos são concretos, o que se torna ficcional é o que eles podem exprimir literariamente.

Fale! É a esse “tomar emprestado” que você chama de testemunho?

Flávio Paiva. Exatamente. Sempre fui um grande admirador da dimensão fantasiosa que existe na realidade. As purezas e impurezas do real estão cheias de encanto e prefiro lançar mão dessa magia a escrever histórias como produto forçosamente exclusivo da imaginação.

Fale! Como nos livros e CDs *Flor de Maravilha*, *Benedito Bacurau* e *A Festa do Saci*, a sua narrativa em *A Casa do Meu Melhor Amigo* combina literatura com música. O que tem lhe levado a escolher esse caminho?

Flávio Paiva. Não foi bem uma escolha, considerando que gosto de utilizar a música em tudo o que faço. Somente há pouco mais de dez anos venho experimentando essa aproximação com mais atenção ao que ela tem de essencial para a nossa formação. Primeiro eu fiz um CD, em 1999, para o meu filho Lucas e depois fiz outro CD, em 2011, para o meu filho Artur. Depois comecei a contar a história das músicas e daí

surgiram os livros-CDs.

Fale! A partir de 2011 o ensino da música volta a ser obrigatório nas escolas. Como você acha que o seu trabalho pode ser aproveitado nos espaços pedagógicos?

Flávio Paiva. Muitos estudos de neurociência comprovam o papel da música no desenvolvimento cognitivo. Quando ouvimos música, uma série de atividades voltadas para a percepção é desencadeada em nosso cérebro. Noto que meus livros-CDs têm contribuído para que muitas crianças se interessem pela leitu-

“As purezas e impurezas do real estão cheias de encanto e prefiro lançar mão dessa magia a escrever histórias como produto forçosamente exclusivo da imaginação.”

ra dos textos após ouvir as músicas correlacionadas de forma temática. Noto também pelas perguntas que elas me fazem costumeiramente que o espaço de criação do leitor torna-se bem mais expandido quando ambientado ao mesmo tempo pela literatura e pela música. Neste aspecto, além de servir para as aulas de música em si, já que o livro-CD traz as partituras das composições, a *Casa do Meu Melhor Amigo* leva para o ensino da música um contexto literário propício à criação de sentido para a realidade e para a fantasia.

Fale! No livro e CD *A Casa do Meu Melhor Amigo*, você traz 10 músicas inéditas, algumas com parcei-

ros. Como se deu essa construção? Flávio Paiva. O desenvolvimento da ação produz e consome emoções que ganham a liberdade de se encontrar com as emoções do leitor pelo significado das palavras e dos sons. Por isso o livro e CD *A Casa do Meu Melhor Amigo* tem 10 capítulos e 10 músicas. Cada música faz parte dos sentimentos de cada capítulo. Apesar de ter uma certa facilidade para compor, há várias situações que a minha sensibilidade não basta para traduzir integralmente a emoção na sua movimentação sonora. Nesses casos procuro recorrer ao talento de amigos que são admiráveis artistas da música para me ajudar.

Fale! Quem lhe ajudou a contar a parte musicada da história do livro e CD *A Casa do Meu Melhor Amigo*?

Flávio Paiva. Das dez músicas que integram a narrativa do livro e CD, eu fiz sete em parcerias com Orlângelo Leal, Rebeca Matta, Boeing, RuKah, Anna Torres, Vicky Verônica, Abidoral Jamarcaru, Hérlon Robson, Carol Damasceno e com os meus filhos Lucas e Artur. A gravação do CD, que foi primorosamente produzida e dirigida pelo Luiz Waack, conta com a interpretação alternada do Lucas Espíndola e do Rodolfo Rodrigues, com a participação especial do André Abujamra, do Edvaldo Santana, da Ná Ozzetti e do Sérgio Espíndola, além de músicos do nível de Amílcar Rodrigues, Antonio Bombarda, Dani Krotoszinski, Daniel Szafran, Kuki Stolarski, Mauricio Pereira, Reinaldo Chulapa e Ricardo Garcia.

Fale! Qual é mesmo a grande mensagem que o leitor pode esperar deste livro-CD?

Flávio Paiva. Em um trabalho que une literatura e música para combinar ficção e não-ficção existem tantas mensagens quanto a capacidade do leitor de se encontrar na sua contação e cantação. As ilustrações de Tati Moes também agregam muito valor ao texto literário e às canções porque apresentam uma temperatura voltada para o acolhimento do leitor. Entretanto, eu diria que o vórtice que catalisa e expande toda a trama de *A Casa do Meu Melhor Amigo* é a amizade. A amizade dos amigos alados. ■